



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

LOREN CRISTINA DA SILVA RODRIGUES

**RESISTIR E PERSISTIR. UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE A  
COMUNIDADE ÁFRICA E LARANJITUBA: Projeto Filhos do Quilombo**

ANANINDEUA - PARÁ  
2018

LOREN CRISTINA DA SILVA RODRIGUES

**RESISTIR E PERSISTIR. UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE A  
COMUNIDADE ÁFRICA E LARANJITUBA: Projeto Filhos do Quilombo**

Artigo Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Orientador: Prof. Siméia de Nazaré Lopes

ANANINDEUA - PARÁ  
2018

LOREN CRISTINA DA SILVA RODRIGUES

**RESISTIR E PERSISTIR. UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE A  
COMUNIDADE ÁFRICA E LARANJITUBA: Projeto Filhos do Quilombo**

Artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof.  
(Siméia de Nazaré- UFPA)

---

Prof.  
(Wesley Garcia - UFPA)

---

Prof.  
(Eliana soares - UFPA)

## **RESISTIR E PERSISTIR. UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE A COMUNIDADE ÁFRICA E LARANJITUBA: Projeto Filhos do Quilombo**

Loren Cristina da Silva Rodrigues  
Siméia de Nazaré Lopes  
Universidade Federal do Pará, Ananindeua, UFPA

### **RESUMO**

Este artigo, foi pensado a partir de um projeto educacional, realizado com turmas do fundamental maior, em parceria com uma comunidade de remanescente quilombola África e Laranjituba, no município de Moju no Estado do Pará. Afim de proporcionar aos alunos não apenas o contato, mas principalmente em fazê-los perceber as lutas, a importância da cultura africana na formação e construção da identidade brasileira. O artigo procura aludir as contribuições acerca do termo decolonialidade alinhados as perspectivas de Quijano , Walsh e Mignolo , autores que problematizam a matriz colonial como grande dominadora a partir de um viés etnocêntrico no âmbito escolar; assim como, procuram trazer uma nova perspectiva por meio de políticas e práticas educacionais que viabilizem mudanças na construção de novos currículos escolares, com objetivo de promover uma educação antirracista. Faz-se necessário, a comunidade escolar contribuir com projetos interdisciplinares que procurem diminuir as desigualdades sociais e culturais empreendidas pelo eurocentrismo do colonizador. O projeto Filhos do Quilombo, surge a partir da necessidade de aproximar o aluno as práticas culturais tão presentes no nosso cotidiano, compreender também que o mesmo está inserido em uma sociedade multicultural e pluriétnica; reconhecer que o racismo epistêmico, silenciou o conhecimento dos que eram vistos como subalternos e privilegiou o ocidente como o legítimo produtor de conhecimento.

**Palavras-chave:** Decolonial; Educação antirracista; Novas propostas educacionais.

### **RESUMEN**

La idea de creación del presente artículo nació a partir de un proyecto educacional, realizado con grupos específicos de la enseñanza primaria, conjuntamente con una comunidad de remanente quilombola África y Larantijuba, en el municipio de Moju en el estado de Pará. Con el objetivo de ofrecer a los alumnos no solamente el contacto personal, sino principalmente

que ellos puedan percibir las luchas y la importancia de la cultura africana en la formación y construcción de la identidad brasileña. Este artículo busca aludir las contribuciones acerca del término “decolonialidade” alineadas a las perspectivas de Quijano, Walsh y Mignolo, autores esos que presentan la matriz colonial como la gran dominadora cuando vista a partir de un punto de vista etnocéntrico en el ámbito escolar; y que también abarcan una nueva matiz a través de políticas y prácticas educacionales capaces de promover una educación antirracista. Para eso, es necesario que la comunidad escolar contribuya con proyectos interdisciplinarios que busquen disminuir las desigualdades sociales y culturales fomentadas por el eurocentrismo del colonizador. El proyecto “filhos do quilombo”, surge a partir de la necesidad de acercar al estudiante a las prácticas culturales que están presentes en nuestra vida cotidiana, también se hace necesaria la comprensión que el estudiante por sí solo hace parte de una sociedad multicultural y pluriétnica; también es imprescindible reconocer que el racismo epistémico enmudeció el conocimiento de aquellos vistos como inferiores, y privilegió al occidente como el legítimo productor de conocimiento.

**Palabras-clave:** Decolonial; Educación antirracista; Nuevas propuestas educacionales.

## 1 Introdução

Indubitavelmente, projetos educacionais que viabilizem políticas de ações afirmativas e antirracistas são de grande importância para a ampliação do foco nos currículos escolares. Essa ampliação é fundamental para que outros espaços fora do ambiente escolar, possam ser pensados como estratégias para uma educação mais justa, humanizada, promovendo, o reconhecimento de uma sociedade pluriétnica e multicultural, formada não só pela matriz cultural do colonizador, mas também daqueles que foram subalternizados pela colonialidade.

A partir dessa necessidade, surgiu o projeto Filhos do Quilombo, implementado dentro de uma instituição particular, da área metropolitana de Belém do Estado do Pará. A escola, até então, não agregava no currículo projetos que procurassem reconhecer a importância do legado do africano como formador de nossa identidade ou mesmo, que pudesse contribuir para práticas antirracistas.

Essa aparente carência, foi a principal inquietação que motivou o presente trabalho, inclusive por conta da resistência de atividades na semana, nas quais se rememora o dia da Consciência Negra. A proposta de um projeto, envolvendo essa temática, nesse período, não foi aceita pela coordenação, sob a justificativa de que no mesmo momento, toda comunidade

escolar estaria envolvida (uma espécie de feira cultural) que a anos ocorrem na mesma data, portanto, impossível, mudanças na agenda escolar. Devido à dificuldade inicial, de promover alguma atividade ou projeto que direcionassem os alunos a criticidade e as questões sociais do negro hoje, como reflexo a exploração e segregação de outrora, foi pensado em como aproximá-los a uma das respostas mais concretas de resistência a imposição europeia. O quilombo representava, portanto, exatamente o espaço que dialogava com a superação ao regime escravocrata no passado e ao Estado no presente, assim como, para a conhecimento da história dos africanos longe do eurocentrismo.

A discussão sobre a necessidade agregar ao currículo escolar a história da África, antes mesmo do contato com o europeu; da cultura africana e a importância para construção de uma identidade brasileira híbrida e miscigenada, algum tempo tem sido discutida no âmbito acadêmico, porém pouco chega na sala de aula, pois profissionais da educação ainda encontram uma certa dificuldade. Essa resistência, ocorre devido há vários motivos sejam de cunho ideológico, político ou mesmo o reflexo da inferiorização de grupos vistos com subalternos<sup>1</sup>, os não-europeus, que passam a ter seu conhecimento intelectual, histórico e cultural, negado pela colonialidade<sup>2</sup> do saber europeu, tão dominante nos livros didáticos.

Para Mignolo, a subalternidade emerge de diferentes tipos de legados coloniais, então há que se considerar que diferentes movimentos anti-modernos respondem a diferentes legados<sup>3</sup>. Portanto, torna-se imprescindível, discernir as críticas construídas nos espaços coloniais daquelas fabricadas no interior das esferas hegemônicas. A escola pode contribuir para dissolução da hegemonia europeia, no qual, procurou desqualificar as outras culturas. O ambiente escolar deve ser pensado como a conexão para desconstrução dessa superioridade em detrimento de outro. O projeto coopera nesse sentido, pois busca enxergar a superação do negro sobre o viés exploratório, como a grande colaboração para nossa formação cultural e o desmonte que interpreta colonialidade como única fonte de conhecimento.

A definição do termo colonialidade é compreendido por um grupo de pesquisadores latinos a partir de uma dominação política de controle, opressão ou autoridade de um grupo

---

<sup>1</sup> O termo subalterno, segundo Ballestrin (2013), foi descrito por Gramsci como “[...] grupo desagregado [...] que tem uma tendência histórica a uma unificação sempre provisória pela obliteração das classes dominantes” (BALLESTRIN, 2013, p. 93). Silenciados pela epistemologia eurocêntrica, o indivíduo ou grupo subalterno, aparece quase sempre pela voz da classe dominante, como monolítica e inferiorizada, não sendo enxergado nem sua autenticidade heterogênea, pluricultural e híbrida.

<sup>2</sup> O termo nasceu de um grupo de intelectuais latino-americanos de diversas universidades, o grupo conhecido com Modernidade/Colonialidade (M/C) foi constituído em 1998. Alguns de seus principais pensadores são Walter Dussel, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gómez, Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Catherine Walsh, Arturo Escobar.

<sup>3</sup> MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p.154

sobre outro. “A colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais [...]”(GROSFOGUEL , 2008, p. 55). Com a finalidade de combater, a ideia de que a matriz europeia foi a única produtora de conhecimento, e de referência cultural; o artigo versa, através do projeto filhos do quilombo, fomentar nos alunos uma educação decolonial<sup>4</sup>, que os leve ao sentimento de oposição ao racismo, e superação da visão que os coloca como subalternos.

A expressão “colonialidade do poder” designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. (QUIJANO, 1997).

Os subalternizados mesmo experimentado a exclusão ou lugares determinados pelo agente colonizador; travavam suas lutas individuais ou coletivas, como alternativa de resistência. A subalternização do colonizador não foi suficiente para conter o legado cultural africano. O projeto leva o aluno a viver a experiência de ouvir o outro, os silenciados pelo eurocentrismo e de que maneira hoje essa herança cultural está presente em nosso cotidiano.

A decolonialidade do poder, segundo Quijano (1997), exprime relações construídas na esfera econômica, política e ideológica, no qual não acabaram com o fim do empreendimento colonial, ou imperialista. Para o autor, assim como outros pesquisadores que integram o grupo Modernidade/Colonialidade, as formas de dominação ainda se fazem latentes e perceptíveis. O ambiente escolar infelizmente ainda carrega a perspectiva de dominação, desde o livro didático quando coloca o europeu como porta voz do colonizado, ou mesmo quando a escola não atribui importância para o dia que representa a luta do negro.

Levar o aluno a compreender o quilombo como uma forma de desobediência ao sistema determinado pelo europeu, e suas lutas diárias diante ao Estado, sem dúvida, contribui para o entendimento dos papéis que ao longo da história foram determinados a eles, de segregação e privação. O projeto os leva a ouvir personagens reais, marginalizados subalternizados, pelo eurocentrismo acadêmico, personagens que pouco aparecem no livro didático ou são descritos de maneira deturpada, que resultam em conceitos racistas, carregados de preconceitos, do que

---

<sup>4</sup> O uso do termo “decolonial” ao invés de “descolonial” é uma indicação de Walter Mignolo (ano) para diferenciar os propósitos do Grupo Modernidade/Colonialidade e da luta por descolonização, bem como dos estudos pós-coloniais asiáticos.

CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa (Orgs.). **Diálogos Internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: PerSe, 2017.

é produzido pelo ocidente. Desse modo, as culturas dos grupos dominados não se encontram representadas na escola” (GONÇALVES, 2003 p. 94).

A atividade mais uma vez reforça práticas educacionais que combatem discriminação, ao permitir que sujeitos excluídos, segregados pela colonização, compartilhem sua história e promovam em seus ouvintes a reflexão. É perceptível no momento inicial da visita ao quilombo o olhar de admiração e respeito dos alunos quando escutam sobre o surgimento da comunidade África e Laranjituba e como ainda hoje sobrevivem, ou mesmo o comentário de pais no dia seguinte a visita, de que seus filhos voltaram diferentes da experiência.

O debate, acerca do termo decolonial, difere-se da descolonização, que significa subversão do sujeito colonizado, a decolonialidade, compreende a partir do olhar de superação, de criar o enfrentamento ao pensamento dominante, ou mesmo de construir outras narrativas através dos que foram marginalizados. Esses conceitos apresentados, como a decolonialidade, educação decolonial, racismo epistêmico, foram o embasamento teórico que direcionou o trabalho, para criação de um projeto que pudesse colocar na prática essas discussões.

O artigo inicialmente apresenta discussões que contribuem para educação decolonial, o significado desse conceito como se articula com o projeto. A seguir, será apresentada a comunidade no qual foi realizado a atividade, seu legado e dinamicidade. Nos próximos itens, a aplicação do projeto, a experiência e interdisciplinaridade.

## **2 Comunidade e seu legado**

Localizado município do Moju, a comunidade África e Laranjituba, possui uma organização voltada para práticas culturais que procuram reafirmar a sua identidade e a história de resistência contra o empreendimento escravocrata no passado, e a opressão atual do Estado. A comunidade possui o turismo comunitário, que contribui com a renda da população local, esse turismo, proporciona a trilha ecológica, visita a casa de farinha, e banho de igarapé, tudo articulado ao cotidiano da comunidade, relação que desenvolvem com o meio ambiente e representatividade do quilombo como símbolo de resistência. O agroextrativismo<sup>5</sup>, artesanato, juntos com a produção de cerâmica, outra atividade realizada pela comunidade, trazem a memória práticas, saberes e fazeres passados pelas gerações. Em 2014, a cerâmica foi premiada em segundo lugar pelo SEBRAE TOP 100, nas 100 melhores iniciativas de artesanato em todo

---

<sup>5</sup> O agroextrativismo ocorre quando atividades como a agricultura, cultivo de árvores frutíferas, pesca, combinam-se com atividades extrativistas gerando o que se chama de conjunto de sistemas complexos de produção agroextrativista.

Brasil, em 2015, a cerâmica ganhou o prêmio de salvar, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>6</sup>. Essas conquistas são importantes para a comunidade, no sentido de reforçar a sua identidade, pois abrem espaço para o reconhecimento de outros saberes e produções culturais desvinculadas do eurocentrismo.

A pesar da grande quantidade de territórios que hoje se identificam como remanescentes quilombolas, poucas conseguiram diante do Estado a regularização de suas terras, segundo a Secretária de planejamento e desenvolvimento institucional (SEPLAN) existem 178 comunidades quilombolas no Brasil; 62 estão só no Estado do Pará e 53 já foram reconhecidas pelo instituto<sup>7</sup>. Mesmo com a maior parte localizada no Estado, poucas realizam o trabalho voltado para o turismo, e abrem as portas para visitação, e exposição acerca de sua história, existe até mesmo algumas comunidades que é necessário autorização previa para entrada de pessoas que não pertençam a ao meio. A escolha, partiu exatamente da receptividade, e organização no qual a comunidade África e Laranjituba possuem, pois desde o primeiro contato, foi perceptível como estavam estruturados para receberem seus visitantes. A comunidade percebeu que abrir as portas daquele espaço, falar sobre sua origem e o legado deixado pelos seus ancestrais, poderia trazer prestígio, contribuir com a renda local, e o mais importante, testemunhar, que o negro no passado nunca foi passivo a escravidão e hoje procura superar a segregação cultural, religiosa e política gerados pela colonialidade.

O projeto nasceu com a finalidade de trazer um diálogo com o conceito de educação decolonial, ao observar a luta da comunidade, não como vítimas do colonizador, mas, aquele que resistiu e não se sujeitou ao sistema escravocrata, pois procurou superar a opressão e exploração, perpetuadas nas relações de poder, essa opressão silenciava qualquer forma de produção cultural que fugisse a de centralidade colonizadora. Hoje, não basta discutir sobre as questões relacionadas ao negro, não é suficiente defende-los ou mesmo falar por eles, é necessário falarem por si o que o empreendimento colonial os causou.

A historiografia oficial, por exemplo, que ainda reverbera no senso comum, subalternizava o negro e o colocava como aquele que melhor se adaptou ao trabalho compulsório; a educação decolonial procura combater esse olhar da colonialidade, tanto no

---

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Raimundo Magno Cardoso. Comunidades quilombolas África e Laranjituba um estudo das práticas e fenômenos que constituem sua gestão territorial tradicional. 2017. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, 2017. p 46.

<sup>7</sup> **O Estado que mais reconhece comunidades quilombolas.** Disponível em: <http://www.seplan.pa.gov.br/com-53-%C3%A1reas-tituladas-par-%C3%A1-%C3%A9-o-estado-que-mais-reconhece-comunidades-quilombolas>. Acesso em 1 ago 2018.

viés historiográfico, quanto em objetivar práticas educacionais antirracistas, ao reconhecer esses personagens silenciados, como protagonistas da sua história.

Sabe-se, portanto, que não houve uma melhor adaptação do negro no trabalho escravo, mas, sim a dificuldade de fuga e resistência, de um povo sequestrado do seu lugar de origem e transladado para outro continente, a barreira linguística e territorial impedia no início essa possibilidade. O negro, quando familiarizado com o território e com a língua, passa a criar espaços como o quilombo, no qual ratificam a ideia de não adequação ao regime europeu e de resistência a escravidão. A origem do quilombo desconstrói, desse modo, a afirmativa da historiografia racista epistêmica<sup>8</sup>, que colocava o negro na posição de quem melhor aceitou o cativo, diferente das populações autóctones aqui existentes. Desconstrói, porque recai na ideia de desobediência ao sistema, e atesta a não aprovação a autoridade exercida sobre o negro.

Nos últimos decênios do século XIX, surgiram teorias raciais, que criavam um padrão de poder fundamentados na superioridade do colonizador em detrimento dos colonizados. A convicção da existência de uma pluralidade racial, e de que a cor da pele determinava a inteligência, perspicácia e comportamento do indivíduo influenciou na organização das colônias em nome de um suposto progresso, que subalternizava e negava tudo que fugia do padrão europeu.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América. (QUIJANO, 2000, p. 342).

A colonialidade criou o padrão, passou a subjugar as populações a partir dos conceitos raciais e procurava ensinar os explorados seu lugar de inferioridade. Os prejuízos, gerados pelas teorias raciais do século XIX, deixaram grandes feridas sociais, pois contribuiu para criação de rótulos e estereótipos as populações não-europeias, que culminaram na construção de práticas racistas, atribuindo ao diferente do modelo europeu, a necessidade de viver de acordo com o padrão civilizatório.

---

<sup>8</sup> O racismo epistêmico, é uma reunião de dispositivos que procuram recusar a validade do conhecimento que não é produzido a partir de referenciais ocidentais. O racismo epistêmico, nega a intelectualidade, a cultura dos que são vistos como inferiores. Disponível em: <https://www.geledes.org.br> > Áreas de Atuação > Educação. Acesso em 01 ago 2018.

A experiência no quilombo reforça a educação decolonial, quando instiga o aluno a reconhecer o quilombo, como um lugar de resistência e de não aceitação as imposições do colonizador, assim como, solidifica a importância de uma matriz cultural diferente da europeia, e os faz perceber que o europeu não é única fonte de conhecimento. A perspectiva construída por meio dessa experiência, sem dúvida, contribui para comunidade escolar adentrar esse espaço, e o reconhecer o negro como sujeitos de sua história.

O modo de vida da comunidade despertou atenção dos alunos, em vários momentos, desde o cuidado com meio ambiente, pois não enxergavam a floresta como fonte de exploração, mas, como um espaço de respeito as suas entidades, e fonte de medicamentos naturais, até mesmo para suprir a falta de assistência do Estado em relação a saúde.

### **3 Aplicação do projeto: experiência no quilombo**

#### **3.1 Primeiro passo: a visita**

A visita ao quilombo, deve ser o primeiro passo para que o projeto consiga atingir o seu objetivo, os professores de História, Geografia e Biologia, juntos com o corpo pedagógico, devem previamente conhecer o espaço, afim de definir as intervenções realizadas; conhecer o trajeto da trilha e o lugar onde as contribuições tanto da comunidade escolar, quanto da comunidade quilombola serão feitas.

A atividade conta com trilha ecológica, que durante o percurso ocorre a intervenção do líder comunitário, no qual expõe como aprendeu com seus ancestrais e com povos indígenas a sobreviver na floresta, ensinamentos que partem desde a observação de quais plantas seriam comestíveis, como para a substituição de medicamentos, o Jambuaçu apresentado durante o caminho, é um exemplo de como a floresta pode fornecer opções naturais de analgésico. O momento da trilha é importante para a interação dos professores junto ao líder, conseguir relacionar o conhecimento científico com o conhecimento da vivencia do quilombola.

#### **3.2 Em sala**

Antes dos alunos conhecerem o quilombo, é imprescindível, trabalhar em sala temas relacionados a sua origem; finalidade; a importância do quilombo como símbolo de resistência, a história de luta diante das políticas públicas que pouco chegam nesses espaços. É fundamental

o aluno percebera importância do legado cultural, assim como a superação perante o processo eurocêntrico, no qual a comunidade sobreviveu.

Para realização desse primeiro momento em sala, os alunos são direcionados a formarem uma roda, para leitura e debate de alguns textos como: O desafio do ensino superior para quilombolas<sup>9</sup>, que traz como protagonista a história de Magno Cardoso, o porta voz da comunidade África e Laranjituba, no qual ocorrerá a atividade. O texto faz parte de uma matéria publicada pelo DOL, Diário do Pará, e conta da luta de um quilombola, para conseguir terminar o ensino médio e ingressar a universidade; as dificuldades e precariedades diárias enfrentadas por ele. Assim, o texto mostra a distância que o mesmo de todos os dias, para se deslocar até a cidade.

A matéria disponibilizada aos alunos, contribui para sensibilizá-los antes mesmo de chegarem ao quilombo, pois desperta neles a curiosidade de conhecer o personagem no qual é apresentado no texto. Esse momento de discussão prévia é importante para atingir o objetivo final, de reconhecimento e valorização da matriz cultural negra, como também produtora de conhecimento. A história de superação do líder comunitário no qual eles passam a ter ciência de que vão conhecer, causa uma aproximação as dificuldades que hoje um remanescente quilombola passa, assim como contribui para motiva-los a participarem do projeto e viverem na prática o dia-dia de um quilombo.

### 3.3 Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade permite o diálogo dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas, essa proposta foi inicialmente apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). A interação entre disciplinas aparentemente distintas, é completamente possível com a interdisciplinaridade. Esta interação possibilita a formulação de uma criticidade, no ensino-aprendizado, que procura superar a fragmentação entre as disciplinas.

O projeto conta também com a participação outros profissionais no qual contribuem para interdisciplinaridade, entre áreas de Ciências da Natureza e Ciências Humanas (Biologia, História e Geografia) para que o aluno compreenda o contexto, a história da comunidade e ao mesmo tempo perceba qual a relação que o quilombo desenvolve com o meio ambiente e com o espaço geográfico.

---

<sup>9</sup> **O desafio do Ensino Superior para quilombolas.** Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/noticia-244951-o-desafio-do-ensino-superior-para-quilombolas.html>. Acesso em 01 ago 2018.

### 3.4 O espaço de resistência

Ao chegar a comunidade, é realizada uma intervenção inicial, pelo líder comunitário, onde o mesmo junto com outros membros conta sobre o surgimento do quilombo, a luta pela regularização do espaço diante do Estado, a necessidade de políticas afirmativas para o fortalecimento de sua identidade, a dificuldade de acesso ao transporte, à educação e saúde, e como são desassistidos pelo poder público. Esse momento inicial em que os alunos escutam a respeito da história do quilombo, e suas lutas constantes consegue leva-los a reflexão no sentido de perceberem a grande divergência da realidade que os separam.

O relato de sujeitos que não possuem as mesmas oportunidades, sempre viveram à margem do Estado e de que no passado ainda tiveram que sobreviver ao cativo, cria no ouvinte um sentimento de justiça social, de responsabilidade. Ainda no início é demonstrado como uma criança quilombola fabrica seus brinquedos, livres de qualquer processo industrial, elaborados a partir do que a natureza os oferece. A prática da decolonialidade, acontece quando esse aluno passa a entender que mesmo com a manutenção do poder realizada pelo colonizador, as populações de remanescente quilombola conseguiram superar o eurocentrismo. Após a intervenção do representante da comunidade, a palavra é direcionada aos professores que contribuem com posicionamentos relacionados ao espaço associando com a intervenção do líder comunitário; por esse motivo é indispensável visitar a comunidade previamente, e definir as discussões realizadas, para que ocorra a articulação das vozes.

A trilha ecológica, é uma experiência incrível para os alunos, pelo fato de não estarem apenas adentrando uma floresta, mas, um espaço que passa a agregar valores, no qual são demonstrados no decorrer do percurso. A trilha segue sobre orientação de dois membros da comunidade, que em pontos estratégicos já pré-determinado, explicam sobre as formas de sobrevivência dentro da floresta, a importância da natureza para comunidade. O percurso que segue a trilha, é o momento de maior contato com a floresta, são apresentadas várias espécies de plantas demonstrada por Magno, como reconhecer as plantas comestíveis e venenosas, algumas que hoje são usadas para a indústria de cosméticos e perfumaria, como exemplo o pau rosa. A grande quantidade de informações sobre como sobreviver na floresta, buscar abrigo, se proteger de possíveis perigos, deixavam os alunos entusiasmados e admirados de como o conhecimento partia também da observação e do compartilhamento dos ancestrais que necessitavam usar a floresta a seu favor.

O negro superou a barreira do espaço geográfico, agregou conhecimento ao indígena e conseguiu sobreviver ao empreendimento do colonizador, a experiência observada pelos

próprios alunos ratifica a educação decolonial, ao leva-los a compreensão dessa superação ao modelo exploratório europeu, que sequestrou as populações africanas de seu lugar de origem e os colocou em espaços diferentes de seu antigo habitat. O conhecimento e domínio sobre a floresta apresentados por um membro quilombola, comprova essa superação do negro ao projeto eurocêntrico, assim como contribui para que os alunos percebessem outras formas de conhecimento que não partem do colonizador.

Esse momento da atividade, possibilita um diálogo incrível com o professor de biologia e de geografia, pois o aluno tem a oportunidade de relacionar o conhecimento científico e empírico, não sobre um olhar de superioridade, mas de compreender que as duas formas de conhecimento dialogam entre si, e que a ciência necessita desse conhecimento que parte da observação.

Após a trilha, e servido o almoço com uma grande variedade de comidas, que são servidas em panelas e utensílios de barro feitos pela própria comunidade, mais uma vez reforçam a identidade local. Em seguida, é disponibilizado o igarapé, com mais uma pequena trilha para o acesso. Depois do banho os alunos retornam para o lugar inicial onde foram feitas as primeiras intervenções para a finalização da atividade, nesse momento final, são realizadas algumas perguntas pelos alunos, como curiosidades ou questionamentos que surgiram no decorrer do dia, assim como, eles passam ter uma visão mais ampla a respeito do cotidiano e vivencia da comunidade.

O momento final, todos os alunos ficam reunidos no mesmo lugar onde ocorreram as intervenções iniciais, mas uma vez o líder comunitário Magno, direciona os momentos para a conclusão da atividade, lembrando que o espaço representa a desobediência no passado ao regime escravocrata, ter a experiência de ouvi-los, reforça sua importância identitária, e cria outras formas de narrativas, diferente do europeu.

### **Considerações finais**

Conceber e executar o projeto que supere conflitos constituídos não é uma tarefa fácil, já que o preconceito e a discriminação estão presentes no espaço escolar, porém, a obscuridade em não falar a respeito, ou de não agregar ao currículo atividades que possibilitem esse debate, contribuem para uma educação estática.

A partir da experiência realizada, concluímos que aprender a ouvir os que viveram a margem do modelo empreendido pelo colonizador, faz-se necessário para promover uma

educação decolonial com resultados antirracista, assim como é fundamental para construção de outras narrativas que escapam da hegemonia europeia.

A epistemologia hegemônica, ou mesmo o racismo epistêmico, se vê como o único capaz de falar do outro, sem procurar ouvir aqueles e foram marginalizados, ou que vivem uma exclusão étnica- cultural; a experiência na comunidade África e Laranjítuba procurou da voz para aqueles que foram silenciado pela colonialidade.

A visita ao quilombo, permitiu aos alunos o reconhecimento da multiplicidade de saberes, narrativas, tempos e espaços. Sem dúvida, o contato conseguiu promover a sensibilidade as questões sociais que envolvem remanescentes quilombolas, e contribui bastante para o desenvolvimento de práticas antirracistas, observadas desde o momento inicial com a fala do líder comunitário e outros remanescentes, ao apresentarem a história da comunidade, o conhecimento sobre a floresta, a exposição de como se articulam , como se organizam, a superação a colonialidade do branco contribuíram para o desmonte de alguns rótulos colocados ao longo da história, e que ainda permeiam o imaginário contemporâneo, mas que foram desconstruídos em momentos de discussões e testemunhos da própria comunidade.

A interdisciplinaridade entre disciplinas permitiu uma dinamicidade do conhecimento, já que o aluno teve a oportunidade fora do ambiente escolar de visualizar conteúdos vistos em sala, e ao mesmo tempo articulados com quem tem o conhecimento de mundo.

O objetivo principal, de despertar os alunos para uma educação antirracista foi alcançado, quando os alunos reconheceram o protagonismo e o espaço como resposta a não resignação do negro em detrimento a imposição do europeu; da mesma maneira que entenderam também a superação do olhar de subalternidade construído pelo ocidente.

A experiência, em ouvir os remanescentes quilombolas, ajudou a comunidade escolar como um todo a enxergar que o europeu nunca foi o único fornecedor de conhecimento, pois quando a comunidade compartilha sua história e legado, conseguimos nos aproximar de outras fontes, que também contribuíram para nossa formação indenitária.

O empenho de todo o corpo pedagógico e da comunidade escolar, foi imprescindível para o bom desenvolvimento do projeto, pois destacamos a necessidade da educação em encontrar caminhos que superem e possam rever dados negativos relacionados a população negra, afim “estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias” (Brasil, 2004, p. 07). O projeto a partir da educação decolonial, conseguiu desempenhar práticas pedagógicas antirracistas, ao reconhecer a importância na construção da história e cultura brasileira.

É essencial a contribuição de projetos que pautem a valorização da cultura e história africana, em prol do respeito ao outro, que interfiram diretamente no processo de ensino e aprendizagem, é imprescindível criar outras narrativas construídas por aqueles que sempre foram subalternizados, que resultem em uma educação decolonial, como a que foi realizada no projeto Filhos do Quilombo.

### Referências Bibliográficas

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, v.2, n.11, p.89-117, 2013.

BRASIL. MEC. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Ministério da Educação, 2004.

CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa (Orgs.). **Diálogos Internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: PerSe, 2017.

GONÇALVES, Luiz A. O. De preto a afrodescendente: da cor da pele à categoria científica. In: BARBOSA, Lúcia M. de A. **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações etnicorraciais no Brasil**. São Carlos: Ed. UFScar, 2003, p. 15-24.

GROSGOUEL, Ramon. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 80, março de 2008.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: literatura, língua e identidade, n.34, p.287-324, 2008.

\_\_\_\_\_. Pensamento decolonial, desprendimiento y apertura. In.: MIGNOLO, Walter (org.), **Habitar la frontera: sentir y pensar ladescolonialidad**. Barcelona: CIDOB, 2015. Em: [http://www.cidob.org/content/download/64794/1995059/version/1/file/219-324%20HABITAR%20LA%20FRONTERA%203%20\(3G\)8.pdf](http://www.cidob.org/content/download/64794/1995059/version/1/file/219-324%20HABITAR%20LA%20FRONTERA%203%20(3G)8.pdf). Acessado em: 11 out. 2016.

NASCIMENTO, Raimundo Magno Cardoso. **Comunidades quilombolas África e Laranjituba um estudo das práticas e fenômenos que constituem sua gestão territorial tradicional**. 2017. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, 2017. p 46.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago (Editores). **Indisciplinar las ciencias sociales: geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: perspectivas desde lo andino**. Quito: Abyala, 2002. WALSH, Catherine. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: entrevista a Walter Mignolo. Polis: Revista de la Universidad

Bolivariana [On-line], Chile, v. 1, n. 4, 2003b. Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30500409>. Acesso em: 22 abr. 2010

## Apêndice

**Figura 1** - Intervenção inicial



**Fonte:** Registro da autora

**Figura 2** –



Fonte: Registro da autora

Figura 3 – Experiência sobre o conhecimento quilombola



Fonte: Registro da autora

Figura 4 - Trilha ecológica



Fonte: Registro da autora

Figura 5 – Trilha ecológica



Fonte: Registro da autora

Figura 6 - Momento do banho



Fonte: Registro da autora

Figura 7 -



Fonte: Registro da autora

Figura 8 - Almoço



Fonte: Registro da autora

Figura 9 – Almoço



Fonte: Registro da autora

Figura 10 - Intervenção final



Fonte: Registro da autora

Figura 11 – Despedida



Fonte: Registro da autora

Figura 12 –



**Fonte:** Registro da autora